



Associação entre o perfil do parceiro e a ocorrência de violência contra a mulher

Association between partner profile and the occurrence of violence against women

Gracielle Pampolim¹, Lara Fretas Küster², Shirley da Silva Borges³, Bruna Venturin⁴, Franciéle Marabotti Costa Leite^{5*}

¹ Federal University of Pampa, Uruguaiana (RS), Brazil, ² Federal University of Espírito Santo, Vitória (ES), Brazil, ³ Federal University of Espírito Santo, Vitória (ES), Brazil, ⁴ Federal University of Pelotas, Pelotas (RS), Brazil, ⁵ Federal University of Espírito Santo, Vitória (ES), Brazil.

****Autor correspondente:** Franciéle Marabotti Costa Leite – *Email:* francielemarabotti@gmail.com

RESUMO

Objetivou-se verificar a relação entre as características do parceiro íntimo e a prevalência de violências psicológica, física e sexual contra a mulher. Trata-se de estudo descritivo realizado em uma maternidade de risco habitual, no município de Vitória, no estado do Espírito Santo, Brasil. As características do parceiro foram coletadas por questionário semiestruturado, e a violência foi mensurada pelo World Health Organization - Violence Against Woman. As características do parceiro íntimo estiveram associadas à violência, como não ser o pai do recém-nascido, adultos jovens, ter hábitos alcoólicos e tabágicos, usar drogas ilícitas e ser ciumento e controlador. Desse modo, a identificação do perfil do parceiro íntimo, durante as consultas ginecológicas e pré-natal, constitui uma importante ferramenta para o rastreamento de possíveis fatores de risco para a violência contra a mulher.

Palavras-chave: Violência. Violência contra a Mulher. Violência por Parceiro Íntimo. Estudos Transversais.

ABSTRACT

This study aimed to verify the relationship between intimate partner characteristics and the prevalence of psychological, physical, and sexual violence against women. It is a descriptive study conducted in a regular-risk maternity hospital in Vitória, state of Espírito Santo, Brazil. Partner characteristics were collected through a semistructured questionnaire, and violence was measured by the World Health Organization - Violence Against Woman instrument. Intimate partner characteristics were associated with violence, such as not being the father of the newborn, young adults, having alcoholic and smoking habits, using illicit drugs, and being jealous and controlling. Thus, identifying the intimate partner profile during gynecological and prenatal consultations constitutes an important tool for screening possible risk factors for violence against women.

Keywords: Violence. Violence Against Women. Intimate Partner Violence. CrossSectional Studies.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é uma das principais causas de morte feminina e, por isso, evidencia um grande problema de violação de direitos humanos e desafio para a saúde pública mundial¹. A Organização das Nações Unidas (ONU) define a violência contra a mulher como “qualquer ato de violência de gênero” que resulte ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou mental para a mulher, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade, seja na vida pública ou privada”, ou seja, comportamentos agressivos ocorridos no contexto de uma relação íntima, resultando em danos físicos, psicológicos ou sexuais para seus integrantes².

Nota-se que a violência ocorre principalmente no ambiente familiar e tem como principal agressor o parceiro íntimo³. Apesar das limitações para fazer inferências causais a partir da literatura, determinadas características como não ter ocupação, apresentar menor escolaridade e consumir bebida alcoólica são os principais fatores perpetradores da violência^{4,5}.

A nível internacional, corroborando com achados nacionais^{4,5}, estudos realizados na Espanha⁶, no Canadá⁷ e Haiti⁸, mostraram que a ocorrência de violência contra mulheres está diretamente relacionada com características controladoras e antissociais do parceiro. Entretanto, apesar de todos estes estudos concordam que este tipo de violência deve ser tratada como um problema de saúde pública, eles também reiteram a dificuldade de se traçar um perfil específico sobre o agressor.

As questões do gênero, vinculadas às expressões do masculino e do feminino, atribuídas historicamente por meio de imposições sociais e culturais, submetem as mulheres a situações de subalternidades que se fundamentam em uma suposta inferioridade biológica⁹. É importante ponderar que a violência contra a mulher pode ocorrer em diferentes fases da vida, inclusive na gestação e que, seja ela psicológica, física ou

sexual, pode trazer prejuízos tanto para a mãe quanto para o feto¹⁰.

Nesse cenário, a exposição à violência por parceiro íntimo durante a gestação acarreta maiores chances de desenvolver sintomas depressivos e transtornos de estresse pós-traumático, interromper precocemente a amamentação exclusiva e abortamento¹⁰⁻¹¹. Existe uma relação do maior risco de óbito fetal e neonatal entre as mulheres que vivenciaram a violência no período gestacional¹². Ainda, observa-se a relação da violência com restrições no crescimento intrauterino, nascer pequeno para idade gestacional (PIG), maiores níveis plasmáticos de Glutamato, GABA e cortisol¹².

Diante do exposto, verifica-se que a violência contra a mulher por vezes é silenciada e cresce epidemiologicamente, sendo fundamental a escuta atenta dos profissionais de saúde, oportunizando a construção de uma relação de confiança com vistas a um cuidado integral e um olhar mais amplo ao rastreamento da violência¹³.

Ainda, durante a pandemia de Covid-19, poucos estudos de estimativas de violência e perfil dos perpetradores foram desenvolvidos e diversos serviços de saúde eletivos foram suspensos e a diminuição da circulação das pessoas nos serviços de saúde foi observada, tal fato dificulta o rastreamento, identificação, notificação, cuidado e encaminhamentos de mulheres em situação de violência¹⁴.

Por fim, dada a relevância da temática, é imprescindível que se conheça o perfil do parceiro íntimo e os fatores associados a violência, para o planejamento e elaboração de estratégias de enfrentamento desse agravo. Dessa forma, a partir desses achados é possível que gestores, profissionais, principalmente de saúde, e a sociedade, em geral, possam desenvolver medidas de intervenção, prevenção, enfrentamento à violência e promoção da saúde e da cultura da paz.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi verificar a relação das características do parceiro íntimo com a prevalência de violências psicológica, física e sexual contra a mulher.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, realizado em uma maternidade de risco habitual, no município de Vitória, Espírito Santo, Brasil. A metodologia foi construída com base no Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology (STROBE)¹⁵.

Os dados foram coletados entre agosto e dezembro de 2021, com entrevistas realizadas nas enfermarias da referida maternidade. As entrevistas foram feitas por uma equipe devidamente treinada, todas do sexo feminino, em um espaço privativo para maior conforto das entrevistadas. Para seleção da amostra foram adotados os seguintes critérios de inclusão: puérpera com no mínimo 24 horas de pós-parto, independente da via e da faixa etária.

Para o cálculo do tamanho da amostra utilizou-se o programa OpenEpi®, onde foi considerado uma média anual sem variações sazonais de 4800 internações na maternidade, e, a prevalência de 41% de violência perpetrada pelo parceiro íntimo, conforme apresentado em estudo anterior¹⁶. Foi adotado uma margem de erro de 5 pontos percentuais, nível de confiança de 95%, acréscimo de 10% para possíveis perdas e 30% para as análises ajustadas, sendo a amostra final de 512 mulheres.

O questionário foi construído com perguntas sobre o perfil do parceiro íntimo onde foram coletadas as seguintes variáveis: se o atual parceiro é ou não o pai do recém nascido (sim ou não); faixa etária (12 a 19, 20 a 24, 25 a 29, 30 a 34, 35 a 39, 40 anos e mais), raça/cor da pele (brancos, não brancos); escolaridade (até o ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio ou ensino superior); possui trabalho remunerado (sim ou não); hábitos alcoólicos (sim ou não); hábitos tabágicos (sim ou não); parceiro faz uso de droga ilícita (sim ou não); parceiro é ciumento (sim ou não); parceiro controlador (sim ou não); e, se já sentiu medo do parceiro (sim ou não). Para o rastreamento da ocorrência de violência alguma vez na vida, foi aplicado o questionário da Organização Mundial

da Saúde intitulado *World Health Organization - Violence Against Woman Study (WHO VAW Study)*. Esta escala foi traduzida para o português e validada para uso no Brasil e rastreia a ocorrência de violência (física, psicológica e/ou sexual) contra mulheres perpetrada pelo parceiro íntimo (VPI)¹⁷.

Todas as análises foram feitas no Stata® versão 15.1, onde foram importados os dados tabulados e qualificados em planilha *Software Microsoft Excel*. A análise descritiva foi reportada através de tabelas de frequências (absoluta e relativa). A análise bivariada para verificar a associação entre o perfil do parceiro íntimo e a ocorrência de violência foi realizada pelos testes qui-quadrado de heterogeneidade ou Exato de Fischer, conforme os pressupostos. Todos os resultados das análises aparecem expressos junto com seus Intervalos de Confiança de 95% (IC95%).

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob o número de parecer 4.73.4133. Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e/ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) no caso de menores de 18 anos.

RESULTADOS

A amostra do presente estudo foi composta por 512 puérperas. A tabela 1 apresenta as características demográficas, socioeconômicas e comportamentais dos parceiros íntimos das entrevistadas. Segundo a tabela 1, nota-se que cerca de 96% dos parceiros eram o pai do recém-nascido, quase 24% estavam na faixa etária de 25 a 29 anos, 74,4% eram não brancos, e, a maioria (61,1%) tinham o ensino médio. Observa-se que 80,3% trabalhavam, 55,5% têm hábitos alcoólicos, 23,4% hábitos tabágicos, e aproximadamente 12% fazem uso de drogas ilícitas. No aspecto comportamental, os parceiros de 28,1% eram ciumentos, 16,4% eram controladores e quase 5% das parceiras declaram sentir medo do companheiro (Tabela 1).

Tabela 1. Características do parceiro de puérperas participantes, Vitória, ES, 2021 (N=512).

Características do parceiro	N (%)	Perfil da amostra	
		IC95%	
É pai do recém-nascido?			
Não	21 (4,1)	2,7-6,2	
Sim	491 (95,9)	93,7-97,3	
Faixa Etária			
12 a 19 anos	29 (5,7)	4,0-8,0	
20 a 24 anos	121 (23,6)	20,1-27,5	
25 a 29 anos	122 (23,8)	20,3-27,7	
30 a 34 anos	116 (22,7)	19,2-26,5	
35 a 39 anos	64 (12,5)	9,9-15,7	
40 anos ou mais	60 (11,7)	9,2-14,8	
Raça/Cor da pele			
Branco	131 (25,6)	22,0-29,6	
Não brancos	381 (74,4)	70,4-78,0	
Escolaridade (n=473)			
Até o Ensino Fundamental I	31 (6,6)	4,6-9,2	
Ensino Fundamental II	94 (19,9)	16,5-23,7	
Ensino Médio	289 (61,1)	56,6-65,4	
Ensino Superior	59 (12,4)	9,8-15,8	
Possui trabalho remunerado			
Não	101 (19,7)	16,5-23,4	
Sim	411 (80,3)	76,6-83,5	
Hábitos alcoólicos			
Não	228 (44,5)	40,3-48,9	
Sim	284 (55,5)	51,1-59,7	
Hábitos tabágicos			
Não	392 (76,6)	72,7-80,0	
Sim	120 (23,4)	20,0-27,3	
Uso de drogas ilícitas			
Não	451 (88,1)	85,0-90,6	
Sim	61 (11,9)	9,4-15,0	
Parceiro ciumento			
Não	368 (71,9)	67,8-75,6	
Sim	144 (28,1)	24,4-32,2	
Parceiro controlador			
Não	428 (83,6)	80,1-86,6	
Sim	84 (16,4)	13,4-19,9	
Medo do parceiro			
Não	487 (95,1)	92,9-96,7	
Sim	25 (4,9)	3,3-7,1	

Fonte: Elaboração própria.

N: frequência bruta.

%: frequência relativa.

IC95%: intervalo de confiança de 95%.

A Tabela 2 apresenta a distribuição dos tipos de violência contra a mulher perpetrada por parceiro íntimo segundo as características do parceiro. Nota-se que as maiores prevalências de violência física, sexual e psicológica ocorrem quando o parceiro não é o pai do recém-nascido ($p < 0,05$). A faixa etária, raça/cor da pele, escolaridade e possuir trabalho não estiveram associadas à ocorrência de violência no presente estudo ($p > 0,05$). Verifica-se a maior prevalência

de violência psicológica entre mulheres cujos parceiros têm entre 20 e 24 anos ($p < 0,05$).

A prevalência de violência física e psicológica foram maiores no grupo de mulheres cujos parceiros tinham hábitos alcoólicos, uso de drogas e eram ciumentos ($p < 0,05$). Ainda, a vitimização pelos três tipos de violência foi maior entre aquelas cujos parceiros tinham hábitos tabágicos, eram controladores e aqueles que as participantes referiram ter sentimento de medo ($p < 0,05$) (Tabela 2).

Tabela 2. Prevalência de violência física, psicológica e sexual ao longo da vida de acordo com as características do parceiro de puérperas participantes, Vitória, ES, 2021 (N=512).

(Continua)

Características do parceiro	Violência física		Violência psicológica		Violência Sexual	
	%	p-valor IC95%	%	p-valor IC95%	%	p-valor IC95%
É pai do recém-nascido?		0,004^a		0,001^b		0,001^a
Não	61,9	40,2-79,7	81,0	58,8-92,7	42,9	24,0-64,1
Sim	30,1	26,2-34,4	44,6	40,2-49,0	12,4	9,8-15,7
Faixa Etária		0,935^a		0,010^b		0,238^a
12 a 19 anos	31,0	16,8-49,8	44,8	28,1-62,9	20,7	9,6-39,1
20 a 24 anos	32,2	24,5-41,1	57,9	48,9-66,3	14,9	9,6-22,4
25 a 29 anos	32,8	25,0-41,6	49,2	40,4-58,0	12,3	7,5-19,4
30 a 34 anos	33,6	25,6-42,6	44,0	35,2-53,1	16,4	10,7-24,3
35 a 39 anos	28,1	18,5-40,3	35,9	25,2-48,3	14,1	7,5-24,9
40 anos ou mais	26,7	17,0-39,2	31,7	21,2-44,4	5,0	1,6-14,4
Raça/Cor da pele		0,486^a		0,122^a		0,573^a
Branços	29,0	21,9-37,4	51,9	43,4-60,3	12,2	7,6-19,0
Não brancos	32,3	27,8-37,2	44,1	39,2-49,1	14,2	11,0-18,1
Escolaridade (n=473)		0,596^a		1,000^b		0,481^a
Até o Ensino Fundamental I	35,5	20,8-53,5	45,2	28,8-62,6	22,6	11,1-40,4
Ensino Fundamental II	33,0	24,2-43,1	45,7	36,0-55,9	14,9	9,0-23,6
Ensino Médio	28,7	23,8-34,2	45,3	39,7-51,1	12,8	9,4-17,2
Ensino Superior	35,6	24,5-48,5	45,8	33,6-58,5	13,6	6,9-24,9
Possui trabalho remunerado		0,721^a		0,902^b		0,746^a
Não	29,7	21,6-39,3	45,5	36,1-55,3	14,9	9,1-23,3
Sim	31,9	27,5-36,5	46,2	41,4-51,1	13,4	10,4-17,0
Hábitos alcoólicos		0,005^a		0,002^b		0,121^a

(Conclusão)

Características do parceiro	Violência física		Violência psicológica		Violência Sexual	
	%	p-valor IC95%	%	p-valor IC95%	%	p-valor IC95%
Não	25,0	19,8-31,1	38,6	32,5-45,1	11,0	7,5-15,7
Sim	36,6	31,2-42,4	52,1	46,3-57,9	15,9	12,0-20,6
Hábitos tabágicos		0,001^a		<0,001^a		0,014^a
Não	27,6	23,3-32,2	40,6	35,8-45,5	11,5	8,7-15,0
Sim	44,2	35,5-53,2	64,2	55,2-72,2	20,8	14,5-29,0
Uso de drogas ilícitas		0,005^a		<0,001		0,074^a
Não	29,3	25,2-33,6	42,8	38,3-47,4	12,6	9,9-16,0
Sim	47,5	35,3-60,0	70,5	57,9-80,6	21,3	12,8-33,4
Parceiro ciumento		0,013^b		0,001^b		0,090^a
Não	28,3	23,9-33,1	41,3	36,4-46,4	12,0	9,0-15,7
Sim	39,6	31,9-47,8	58,3	50,1-66,1	18,1	12,6-25,2
Parceiro controlador		<0,001^a		<0,001^b		0,005^a
Não	27,8	23,8-32,3	42,5	37,9-47,3	11,7	9,0-15,1
Sim	50,0	39,4-60,6	64,3	53,5-73,8	23,8	15,9-34,1
Medo do parceiro		<0,001^b		0,001^a		0,003^a
Não	29,6	25,7-33,8	44,4	40,0-48,8	12,5	9,9-15,8
Sim	68,0	47,8-83,1	80,0	60,0-91,4	36,0	19,6-56,1

Fonte: elaboração própria.

%= Frequência relativa.

IC 95% = Intervalo de confiança de 95%

a= Teste exato de Fisher / b= qui-quadrado

DISCUSSÃO

O presente estudo demonstra que determinadas características do parceiro estão associadas a maiores prevalências de violências contra a mulher, principalmente aos aspectos comportamentais. Notam-se maiores frequências de violência contra a mulher, seja física, sexual e/ou psicológica, quando o parceiro não é o pai biológico do recém-nascido, o que pode ocorrer devido aos desentendimentos entre o casal, seja por ciúme ou receio do envolvimento da mulher com o ex-companheiro¹⁸. Esse resultado se assemelha ao estudo que aponta a violência psicológica como mais frequente entre puérperas cujo parceiro não era o pai biológico do recém-nascido¹⁹.

Sabe-se que a chegada de filhos muda a rotina do casal, podendo causar estresse e desavenças, além disso, quando o parceiro não é o pai biológico da criança essas questões se intensificam, podendo suscitar conflitos no relacionamento atual, uma vez que pode gerar inseguranças e receios de interferência do ex-parceiro¹⁸. Um estudo realizado com o intuito de identificar os elementos precipitadores da violência conjugal indicou que a presença de filhos é um forte precipitador, especialmente se eles são frutos de relacionamentos anteriores, em face à dificuldade do parceiro em aceitar tal situação¹⁸.

Os resultados apresentam uma maior prevalência de violência psicológica perpetrada por agressores na faixa etária de 20 a 24 anos. As

pesquisas sobre o perfil dos agressores destacam a faixa etária entre 25 anos ou mais²⁰ e 19 a 30 anos²¹, ou seja, adultos jovens apresentam maiores probabilidades em perpetrar a violência, seja por imaturidade, condição cultural do gênero ou até mesmo imaturidade e insegurança nas resoluções de conflitos.

O presente estudo mostra associação entre a ocorrência de violência e o uso de substâncias lícitas e ilícitas, destacando um possível agravamento das agressões quando há uso de tais substâncias, podendo colocar a vida da mulher em risco. Vale destacar que o uso de substâncias ilícitas pode ser considerado um fator preditivo da violência contra a mulher, além disso, por serem substâncias que reduzem a capacidade de controlar os impulsos, por vezes em situações de conflito a mulher se torna vulnerável ao parceiro e conseqüentemente a ocorrência da violência²².

Estudo recente sobre associação entre a violência contra a mulher e o perfil do parceiro íntimo é destacado que a violência psicológica, sexual e física foi mais prevalente entre mulheres cujos parceiros faziam uso de drogas, fumavam, ingeriam bebida alcoólica e eram considerados pela mulher ciumentos ou controladores, do mesmo modo que encontrado na presente pesquisa⁴. Apesar do uso dessas drogas agirem como um potencializador de tais agressões e não ser possível afirmar a relação causal com a violência, à medida que o parceiro íntimo reduz o uso de drogas, também se diminui a ocorrência dos casos de violência⁵. Outro estudo destaca o uso de drogas ilícitas com o aumento dos casos de violência no contexto do lar²³.

No que se refere ao uso de tabaco, os hábitos tabágicos apresentaram uma relação com a maior prevalência dos três tipos de violências, similar ao encontrado em outro estudo, onde observaram que mulheres com parceiros que apresentavam hábitos tabágicos apresentaram maior risco de sofrer violência pelo parceiro, quando comparadas àquelas cujos parceiros não

fumavam²⁴. Este fato pode ser explicado pelas alterações comportamentais acarretadas pelo consumo de nicotina, o que pode resultar em indivíduos mais impulsivos, irritáveis e propensos a entrar em conflito, aumentando a probabilidade da ocorrência de atos violentos²⁵.

Nessa pesquisa, o comportamento controlador esteve relacionado à perpetração de violência física. Parceiros com atitudes controladoras, em outro estudo, também se mostraram associados a maiores chances de praticar a violência contra a mulher²⁶. Esses comportamentos de controle apresentam diferenças estatísticas significativas para as violências física, sexual e psicológica ($p < 0,05$). Esses achados evidenciam o cenário de desigualdade de poder e negociação nas relações e reforçam o quanto as mulheres estão submetidas ao patriarcado e machismo, e são vítimas desta cultura de submissão e inferioridade, onde o homem tem a voz e dita as regras da casa²⁷.

Ao longo do tempo, o papel designado à mulher foi o de cuidado, seja da casa ou do marido e filhos. Atualmente o cenário tem mudado, e muitas vezes para o homem ter que lidar com essa posição social que a mulher vem ocupando é como se ferisse sua autoridade e masculinidade. Verifica-se ainda, uma padronização de desigualdade nos papéis de homem e mulher²⁸. Nesse contexto, o ciúme pode ser compreendido como uma ameaça relacionada ao sentimento de medo ou de perda (real ou imaginária) do parceiro, influenciada por sentimentos, como posse, amor e competitividade²⁹.

Inquérito visando conhecer as características sociodemográficas e de saúde das mulheres vítimas de violência que estiveram sob a tutela protetora do Estado do Ceará, indicou que o principal fator desencadeante das agressões foi o ciúme³⁰. Nesse sentido, os dados levantados servem de auxílio para profissionais, médicos, enfermeiros, assistentes sociais e psicólogos como alerta de como o ciúme pode contribuir para o desencadeamento de agressões que geram

graves consequências às vítimas, demandando atenção às demonstrações iniciais de ciúme³⁰.

Outro resultado que merece destaque é o sentimento de medo das participantes em relação aos seus parceiros que esteve relacionado à maior prevalência de violências. Esse dado é importante dado que o medo é considerado um dos fatores para as mulheres não romperem com as situações de violência. E, além disso, a impunidade também é um fator de silenciamento das mulheres. Esse sentimento que quando desequilibrado vai minando a vítima, e faz com que a dinâmica do relacionamento com seu parceiro íntimo se torne conflituosa. A presença do medo é um fator vinculado ao aumento na ocorrência da violência³¹.

Algumas limitações do presente estudo podem ser mencionadas. O possível viés de informação, que se refere a relação de coleta das informações, uma vez que os dados obtidos sobre o parceiro foram fornecidos pelas mulheres entrevistadas, entretanto caso esse erro exista ele pode ser não diferencial e a associação estaria assim subestimada. Semelhante ao apontado, se formos considerar o ambiente e situação da coleta de dados sobre a ocorrência de violência, esse dado também pode estar subestimado, porém precauções quanto ao ambiente privado para coleta de dados e outras situações foram previstos pela equipe durante a fase de planejamento do estudo com o objetivo de evitar tal acontecimento.

Apesar das limitações, os achados apresentados nesta pesquisa são semelhantes a outros estudos dessa mesma temática. É perceptível um baixo volume de produção científica sobre os homens perpetradores de violência contra as mulheres na literatura internacional e nacional e isso reforçam a necessidade e importância de estudos dessa temática incluindo os do tipo longitudinais, que permitiriam estabelecer relações de temporalidade e causa.

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS DO ESTUDO

Os resultados do presente estudo evidenciam a importância de os profissionais de

saúde inserirem na coleta de dados informações acerca das características e comportamentos do parceiro íntimo, como por exemplo o uso e abuso de drogas, aspectos relacionados ao ciúme e relacionamento controlador. Tais informações são importantes para atentar ao maior risco de exposição da mulher às situações de violência.

Vale destacar que o enfrentamento da violência, requer o apoio, não apenas do serviço de saúde, mas de uma equipe multidisciplinar, uma vez que, para além da notificação, a vítima tem o direito de receber atendimento assistencial, escuta e informações acerca dos direitos da vítima, assim como demais serviços que atendam às suas demandas de cuidado. Sendo assim, sabe-se que as ações dos serviços de saúde devem ser estabelecidas, com o intuito de que se estabeleçam protocolos e instrumentos de rastreamento da violência nos serviços de saúde, mas para além disso, que se estabeleçam diálogos entre os diferentes setores para o atendimento da vítima em sua totalidade, por meio da promoção de uma saúde e cuidado integral.

CONCLUSÃO

O estudo evidenciou que algumas características do parceiro íntimo se mostraram relacionadas a maiores frequências de violência contra a mulher, como, não ser o pai biológico do recém-nascido, adultos jovens, ter hábitos alcoólicos e tabágicos, fazer uso de drogas ilícitas, ser ciumento e controlador.

Nesse sentido, a identificação do perfil do parceiro íntimo, durante as consultas ginecológicas e pré-natal, constitui uma importante ferramenta para o rastreio de possíveis fatores de risco para a violência contra a mulher. Dessa maneira, é fundamental que os profissionais de saúde, se mantenham atualizados no que tange ao manejo dos casos suspeitos e confirmados de violência para saber como agir frente a essas situações, bem como, para promover ações de prevenção, e, enfrentamento a esse agravo, e, possibilitar a ruptura desse ciclo e cuidado às vítimas.

REFERÊNCIAS

1. Trentin D, Vargas MAO, Brehmer LCF, Vargas CP, Schneider DG, Leal SMC. Olhar de profissionais no atendimento a mulheres em situação de violência sexual: perspectiva da declaração universal de bioética e direitos humanos. *Texto & Contexto Enfermagem* [Internet]. 2019 [citado 26 jan 2024];28:e20180083. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0083>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/QHDtqCFJpmQrcMk6SR-T59RF/?format=pdf&lang=pt>.
2. Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R. *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization; 2002 [citado 26 jan 2024].
3. Leite FMC, Ferrari B, Fiorotti KF, Pedroso MRO, Venturin B, Letourneau N, Tavares FL. Analysis of reported cases of sexual violence in Espírito Santo, southeastern Brazil, 2011-2018. *BMC Public Health*. 2023 [citado 26 jan 2024];23(1):1-9. Doi: 10.1186/s12889-023-15722-8. Disponível em: <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-023-15722-8>.
4. Leite FMC, Luis MA, Amorim MHC, Maciel ELN, Gigante DP. Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária. *Rev Bras Epidemiol* [Internet]. 2019 [citado 26 jan 2024];22:e190056. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190056>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/jMJhN-76v8PgW4nwZP6Djkzh/?format=pdf&lang=pt>.
5. Conceição HN, Coelho SF, Madeiro AP. Prevalência e fatores associados à violência por parceiro íntimo na gestação em Caxias, Maranhão, 2019-2020. *Epidemiol Serv Saúde* [Internet]. 2021 [citado 26 jan 2024];30(2):1-14. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/nFxHqg8p38KcxS-3f9Xw5Pjs/?format=pdf&lang=pt>.
6. González-Álvarez JL, Santos-Hermoso J, Soldino V, Carbonell-Vayá EJ. Male Perpetrators of Intimate Partner Violence Against Women: A Spanish Typology. *Journal of Interpersonal Violence* [Internet]. 2021 [citado 19 fev 2024];37(13-14):NP11761-NP11790. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260521997442>.
7. Vignola-Lévesque C, Léveillé S. Intimate Partner Violence and Intimate Partner Homicide: Development of a Typology Based on Psychosocial Characteristics. *Journal of Interpersonal Violence* [Internet]. 2021 [citado 19 fev 2024];37(17-18):NP15874-NP15898. DOI: <https://doi.org/10.1177/08862605211021989>.
8. Ocean JR, Thomas N, Lim AC, Lovett SM, Michael-Asalu A, Salinas-Miranda AA. Prevalence and Factors Associated With Intimate Partner Violence Among Women in Haiti: Understanding Household, Individual, Partner, and Relationship Characteristics. *Journal of Interpersonal Violence* [Internet]. 2020 [acesso 19 fev 2024]; 36(23-24):11356-11384. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260519898443>.
9. Viganò SMM, Laffin MHLF. Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero. *Dossiê Relações entre Crime e Gênero: um balanço. História (São Paulo)*. 2019 [citado 26 jan 2024];38:e2019054. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1980-4369e2019054>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/Sy6nh8bjBh-KTxpTgGmLhbtL/?format=pdf&lang=pt>.
10. Buleriano LP, Silva RP, Fiorotti KF, Almeida APSC, Leite FMC. Os impactos da violência vivenciada na gestação na saúde da mulher: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde* [Internet]. 2022 [citado 26 jan 2024];24(2):125-134. Doi: <https://doi.org/10.47456/rbps.v24i2.31543>. Disponível em:

11. Mendoza VB, Harville EW, Savage J, Giaratano G. Experiences of intimate partner and neighborhood violence and their association with mental health in pregnant women. *J Interpers Violence* [Internet]. 2018 [citado 26 jan 2024];33(6): 938–959. Doi: 10.1177/0886260515613346. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4870174/>.
12. Leite FMC, Gabira FG, Freitas PA, Bravim LR, Primo CC, Lima EFA. Implicações para o Feto e Recém-Nascido da Violência Durante a Gestação: Revisão Sistemática. *Rev. pesqui. cuid. fundam. (Online)* [Internet]. 2019 [citado 26 jan 2024];11(n. esp 2):533-9. Disponível: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/6431>.
13. Teixeira JMS, Paiva SP. Violência contra a mulher e adoecimento mental: Percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [Internet]. 2021 [citado 26 jan 2024]; 31(2):e310214. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310214>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/7CRjQTCrkX7RXrC7XFT3jDs/>.
14. Souza LJ, Farias RCP. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. *Serv Soc Soc* [Internet]. 2022 [citado 26 jan 2024];144:213-32. Doi: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.288>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/RWf4PKDthNRvWg89y947zgw/#>.
15. Malta M, Cardoso LO, Bastos FI, Magnani MMF, Silva CMFP. Iniciativa STROBE: subsídios para a comunicação de estudos observacionais. *Rev Saúde Pública* [Internet]. 2010 [citado 26 jan 2024]; 44(3):559-65. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000300021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/3gYcXJLzXksk6bLLpvTdnYf/#>.
16. Leite FMC, Amorim MHC, Wehrmeister FC, Gigante DP. Violência contra a mulher em Vitória, Espírito Santo, Brasil. *Rev Saúde Pública*. [Internet] 2017 [citado 26 jan 2024]; 51(33):1-12. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2017051006815>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/FgqPNLYMTBgfvZMHK8zbTxw/abstract/?lang=pt>.
17. Schraiber LB, Latorre MRDO, França Jr I, Segri NJ, D'Oliveira AFPL. Validade do instrumento WHO VAW STUDY para estimar violência de gênero contra a mulher. *Rev Saude Publica* [Interne]. 2010 [citado 26 jan 2024];44(4):658-66. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102010000400009>.
18. Lírio JGS, Pereira A, Gomes NP, Paixão GPN, Couto TM, Ferreira AS. Elements which precipitate conjugal violence: the discourse of men in criminal prosecution. *Rev Esc Enferm* [Internet]. 2019 [citado 19 jan 2024];53:e03428. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017036203428>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/zxC7PmFD-4VVYcmK38xVhGrs/?lang=en#>.
19. Silva RP, Leite FMC, Netto ETS, Deslandes SF. Violência por parceiro íntimo na gestação: um enfoque sobre características do parceiro. *Ciência & Saúde Coletiva* [Internet]. 2022 [citado 26 jan 2024];27(5):873-1882. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.06542021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9cnkvWyzhr-6dLTYVfzc4MJ/?format=pdf&lang=pt>.
20. Leite FMC, Garcia MTP, Cavalcante GR, Venturin B, Pedroso MR, Souza EAG, Tavares FL. Violência recorrente contra mulheres: análise dos casos notificados. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2023 [citado 26 jan 2024];36:eAPE009232. Doi: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO009232>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/fn-Jx9vsch8Q6JcfcDSCQnNf/?format=pdf&lang=pt>.

21. Vasconcelos MS, Holanda VR, Albuquerque TT. Perfil do agressor e fatores associados à violência contra mulheres. *Cogitare Enferm* [Internet]. 2016 [citado 26 jan 2024];21(1):1-10. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2016/07/698/41960-171297-1-pb.pdf>.
22. Rosa DOA, Ramos RCS, Gomes TMV, Melo EM, Melo VH. Violência provocada pelo parceiro íntimo entre usuárias da Atenção Primária à Saúde: prevalência e fatores associados. *Saúde debate* [Internet]. 2018 [citado 26 jan 2024];42(spe4):67-80. Doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042018S405>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/S6ft8GscKBZmQPPx3XKVNGL/?lang=pt#>
23. Silva AF, Estrela FM, Soares CFS, Magalhães JRF, Lima NS, Morais AC, Gomes NP, Lima VLA. Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva* [Internet]. 2020 [citado 26 jan 2024];25(9):3475-80. Doi: 10.1590/1413-81232020259.16132020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/yFfYg7zWxBwVRJp7GrLwJpf/?format=pdf&lang=pt>
24. Chilanga E, Collin-Vezina D, Khan MN, Riley L. Prevalence and determinants of intimate partner violence against mothers of children under-five years in Central Malawi. *BMC Public Health* [Internet]. 2020 (citado 19 fev 2024); 20:1848. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09910-z>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12889-020-09910-z>.
25. Veloso C, Monteiro CFS. Consumption of alcohol and tobacco by women and the occurrence of violence by intimate partner. *Texto & Contexto Enfermagem* [Internet]. 2019 [citado 26 jan 2024];28:e20170581. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2017-0581>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/kLMqNVMXV8GKGKfQdMFTmsP/?format=pdf&lang=pt>
26. Vieira EM, Perdona GSC, Santos MA. Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Rev Saúde Pública* [Internet]. 2011 [citado 26 jan 2024];45(4):730-7. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011005000034>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/5938GC5pywcKDy7X5K4GGgF/#>
27. Delzियो CR, Bolsoni CC, Nazário NO, Coelho EBS. Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2017 [citado 26 jan 2024];33(6):e00002716. Doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00002716>. Doi: 10.1590/0102-311X00002716. Disponível em: <https://scielo.br/j/csp/a/9J3yWXppckmWqpZMqvZ7ZcC/?format=pdf&lang=pt>
28. Siqueira CA, Rocha ESS. Violência psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. *Revista Arquivos Científicos (IMMES)* [Internet]. 2019 [citado 26 jan 2024];2(1):12-23. Doi: <https://doi.org/10.5935/2595-4407/rac.immes.v2n1p12-23>. Disponível em: <https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/107>
29. Haack KR. Experiências na família de origem, ciúme e violência conjugal [Tese de Doutorado em Psicologia]. São Leopoldo (Brasil): Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); 2017 [citado 26 jan 2024]. 97p. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_9e3272f62ae2169075b0b4b9a90255cd

30. Santos MS, Macena RHM, Mota RMS, Souza WM, Sousa JEP. Fatores associados ao uso do álcool entre homens autores de violência por parceiro íntimo no Ceará. *Journal of Health and Biological Sciences* [Internet]. 2019;7(4):341-50. Doi: <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v7i4.2677.p341-350.2019>. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/2677>.

31. Engel CL. BEIJING +20: AVANÇOS E DESAFIOS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. Fontoura N, Rezende M, Querino AC (Orgs.). Capítulo 4 - A violência Contra a Mulher. Brasília: Ipea, 2020. p. 159- 216. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10313/1/AViolencia_Cap_4.pdf.